

Falta coordenação política

— Presidente, o senhor tem de assumir pessoal, direta e imediatamente a negociação política. Caso contrário, pode acontecer de tudo no Congresso Nacional. A confusão é total.

A sugestão do deputado José Thomaz Nonô, bastante impressionado com o quadro pós-eleitoral no Parlamento, foi ouvida e registrada pelo presidente José Sarney. Ele, contudo, não está como mero espectador do que se passa na área política. Tem conversado e muito. Na noite de terça-feira, por exemplo, após uma maratona de audiências no Planalto, recebeu no Palácio da Alvorada para jantar e uma troca de idéias durante quatro horas o secretário-geral do PCB, Giocondo Dias, acompanhado dos três deputados do seu partido — Alberto Golomman, Roberto Freire e Fernando Santana.

Por telefone, em audiências no Planalto e no Alvorada, Sarney informou-se nas últimas horas das avaliações feitas sobre o novo quadro político por praticamente todas as correntes políticas brasileiras. E está plenamente inteirado das dificuldades em sua frente política.

A confusão

Os ânimos parlamentares estão realmente exacerbados. No Congresso Nacional, os grupos de pressão se multiplicam, convivendo lado a lado vereadores, marinheiros excluídos da anistia, economiários, defensores da reforma

Congresso vive

um dia carrossel

Sábila, quase profeticamente, o deputado Ulysses Guimarães disse, no domingo: "Vejo com nitidez que a situação está confusa". Foi modesto o dr. Ulysses. Confusa é apelido. O Congresso viveu, ontem, o chamado "caos", que, se fosse filosófico, poderia ser com "K". Como é político, vai com "C" mesmo. "E uma pena que Brasília não tenha vulcão. Se tivesse, ele estaria entrando em erupção, comentou um parlamentar em passant. Um outro, velha raposa, não deixou por menos: "As melhores bolas de cristal estão nubladas". Até grosseiros comentários eram pescados no poluído ar: "O PDS não tem salvação. Está com Aída. E um paciente final". Estavam todos lá, meninos. Eu vi: os magoados eleitorais; os loucos de todos os gêneros; os marinheiros não-anistiados; os servidores injustiçados; os membros da nova Arenona e os pirotécnicos de fôlego na mão. Em meio ao vendaval, assessores dos ministros militares circulavam atônicos. (LAT)

agrária, integrantes do movimento pró-participação popular na Constituinte etc.

Em meio a tudo isto, os políticos fazem reavaliações pensando em sua sobrevivência política. O Plenário da Câmara viveu, ontem, uma grande polêmica, com debates através dos microfones e discussões acaloradas entre as poltronas, nos espaços vazios.

No plenário, o PMDB enfrentou um fogo cerrado contra a sua mudança de posição em relação ao prazo de filiação partidária, recuando dos seis meses anteriormente acertados com receio de que isto possa prejudicá-lo nas próximas eleições. Os pequenos partidos somados ao PDS e a uma expressiva dissidência do próprio PMDB em uníssono passaram a acusar o principal partido do governo de ter se transformado em um Arenão.

Nos microfones, os deputados José Genoíno, do PT, João Gilberto, do PMDB, Prisco Vianna, do PDS, Israel Pinheiro Filho, do PFL, e Sebastião Nery, do PS, não poupavam críticas ao PMDB. No plenário, o deputado José Ulysses tentava justificar a nova posição peemedebista e era contestado por seu correligionário Marcos Santilli e pelo comunista Roberto Freire.

Na falta de melhor argumento, José Ulysses apelou: "se tivéssemos adotado seis meses nesta última eleição, não teríamos, por exemplo, perdido a prefeitura de Fortaleza, pois a deputada Maria Luíza seria inelegível".

Em muitas outras rodas, o debate era igualmente quente. O impasse em relação à Constituinte, contrapondo as bancadas do PMDB na Câmara e no Senado, prosseguia sem solução. O número de políticos preocupados com a própria eleição é impressionante.